

**A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR O LATIM
PARA O APRENDIZADO DA SINTAXE
DA LÍNGUA PORTUGUESA
PELOS DISCENTES DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC-BA**

Francisco Moreira Luna Neto (UESC-BA)
luna_uesc@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Falar de um idioma estrangeiro, e neste caso o latim, é trilhar por uma história, é falar da cultura de um povo que influenciou no surgimento das novas línguas, as chamadas neolatinas, tidas hoje como modernas. Estudando-a podemos seguir um caminho que reúne conhecimentos étnicos, culturais e linguísticos, observando como um país em seu auge imperialista, levando estes aparatos, influenciaram na formação dos idiomas modernos. Assim, podemos verificar uma interligação etnolinguística e até mesmo cultural, na formação dos povos colonizados pelo império Romano.

Porém, como este trabalho trata de um estudo linguístico – cabe ressaltar que sendo o latim uma língua mais estruturada linguisticamente – com o contato dos outros idiomas dos colonizados e devido a sua superioridade política, interligou-se linguisticamente aos outros idiomas e assim, as línguas modernas mantiveram certa estrutura – morfossintático, léxico-semântico e fonético – idêntica ao latim, surgindo, a partir daí, línguas como o galego-português, o espanhol, provençal, romeno, francês e o italiano.

Em se tratando do nosso idioma, este estudo vem mostrar, especificamente, a importância do estudo linguístico-sintático do latim, como uma forma de ensino/aprendizagem para os discentes de letras, da UESC-BA, em aprender a sintaxe da língua portuguesa.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Partindo desse pressuposto, é importante destacar que os aprendizes, graduandos em letras, terão o conhecimento da influência etnolinguística latina na formação (das línguas neolatinas ou modernas), em especial, da língua portuguesa, acarretando no surgimento de suas estruturas linguístico-sintáticas, e mostrando que é possível o aprendizado da sintaxe do português, através do estudo linguístico-sintático do latim, propiciando o seu desenvolver acadêmico-científico.

Para isso, este trabalho irá mostrar a história do latim, seu surgimento e a influência etnolinguística na formação das línguas neolatinas, em especial, do idioma português, destacando a influência das estruturas linguístico-sintáticas do idioma latino, na construção sintática da língua portuguesa e propondo aos graduandos de letras, novos métodos que levem à aprendizagem das estruturas em análise da língua latina, propiciando a aquisição da sintaxe do português.

No desenvolver deste trabalho, adotou-se a obra de Furlan (2006), Coutinho (1954), Cunha (1986), os textos de Fouillé (2006), Martins (ano), Pita (ano), Mauri (2005) e o texto da comissão de Educação, Cultura e Desporto (2001), já que os mesmos deram o suporte teórico para a proposta aqui esboçada e contribuíram como procedimentos metodológicos no processo de comprovação das hipóteses, assim como direcionaram essa pesquisa.

Finalmente espera-se que este trabalho, contribua para que o estudante de letras possa observar que a língua latina, representa uma grande porta para o conhecimento aprofundado de sua própria língua – neste caso os aspectos linguístico-sintáticos do português que este trabalho adota – fornecendo um excelente aporte teórico para a formação do graduando e ao mesmo tempo, a defesa da sobrevivência do ensino do latim que é em última instância, a defesa de aquisição de cultura da nossa história.

Assim, nossos aprendizes devem ser formados com um conhecimento geral das ciências a que se dedicam aprender. As línguas vernaculares do ocidente e em especial, o português, não podem prescindir do latim, mas é parte de sua história e formação.

O SURGIMENTO DO LATIM
E A SUA INFLUÊNCIA ETNOLINGUÍSTICA
PARA A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para se falar do latim e sua influência etnolinguística para a formação da língua portuguesa, (como, também, das línguas modernas ou neolatinas) é importante frisar de início, acontecimentos que narram um historicismo que serve de base para a compreensão do surgimento do latim.

Neste caso, cabe ressaltar aqui, uma breve reflexão de Pita:

Estuda-se o latim não para ser camareiro, intérprete, correspondente comercial, mas para conhecer, diretamente, a civilização e a história de um povo, pressuposto necessário da civilização moderna, ou seja, para sermos nós mesmos e nos conhecermos de maneira consciente. (2002, p. 3)

Partindo desse pressuposto, o latim, proveio de um entroncamento etnolinguístico, chamado de *Indo-Europeu*, que para Coutinho (1954, p. 42)

Essa expressão refere-se a uma grande família étnica, composta por uma mesma raça branca, chamado, também, de Ariano, quanto linguística, formada por outros dialetos dessa mesma origem como: o grego, o sânscrito e as línguas germânicas.

Desse modo, através de um simples falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), a língua latina veio, com o tempo, a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental. Foram as vitórias de seus soldados e o espírito de organização de seus

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

homens de governo que estenderam e consolidaram o enorme império que ia da Lusitânia à Mesopotâmia e do Norte da África à Grã-Bretanha.

Ao mesmo tempo em que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras e indivíduos de outras civilizações, ensinavam, mas, também, aprendiam. Aprenderam muito com os Gregos, principalmente “nas trágicas Gregas, os modelos para as suas experiências de tradução e adaptação literária”. (Cunha, 1986, p. 18)

No que tange ao seu desenrolar linguístico, e devido a benéfica influência Grega, o latim escrito foi sendo apurado, na alta perfeição da prosa de Cícero e César e da poesia de Virgílio. Em consequência, com o tempo, acentuou-se a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite e o latim corrente, a língua usada pelos mais variados grupos sociais da Itália.

Esta diferença já era sentida pelos Romanos e segundo Cunha:

Havia uma nítida oposição entre o conservador latim Literário ou Clássico (*sermo litterarius*) e o latim vulgar (*sermo vulgaris*), compreendidas nesta denominação as inúmeras variedades da língua falada, que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até às gírias (*sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis etc.*) (1986, p.13)

Entretanto, a partir dessa variante linguística que foi o latim vulgar que soldados, colonos e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e sob a influência de múltiplos fatores, diversificou-se com o tempo, nas chamadas *Línguas Românicas*.

Sobre o olhar do mesmo autor destacado acima, cabe ainda frisar:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Se dos Gregos os romanos foram discípulos atentos, dos outros povos vencidos souberam ser eles os mestres imitados. Não só da Itália, mas também, na Gália, na Hispânia, na Récia e na Dácia, as tribos mais diversas cedo assimilaram os seus costumes e instituições, adotaram como própria a língua latina, romanizaram-se. (*Idem*, p. 13)

Analisando esta afirmação citada, cabe dizer que falado em tamanha área geográfica, por povos de raças tão diversas, o latim vulgar não poderia conservar a sua relativa unidade, cuja precariedade aconteceu, devido a ser o meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Nos centros urbanos mais importantes, o latim literário se difundia e até controlava, em certo ponto, os efeitos das forças de diferenciação. Porém, no campo ou em vilas e aldeias, a língua passava por variadas transformações. Assim, *no século III da nossa era, podemos dizer que a unidade linguística do Império não mais existia.* (*Idem*, p. 15)

Neste caso, ao se falar de Império, refere-se ao mundo românico imposto pelo latim e sua variação linguística, o vulgar, surgindo a partir dessa, vários dialetos. Dessa forma, as variantes linguísticas em ascensão, puderam agir livremente e de tal forma que para Coutinho:

(...) os falares regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim. Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua vulgar nessa fase de transição que termina com o aparecimento de textos redigidos em cada uma das línguas românicas: francês (séc. IX); espanhol (séc. X); italiano (séc. X); sardo (séc. XI); provençal (séc. XII); português (séc. XIII) e romeno (séc. XVI). (1954, p. 62)

Partindo para a romanização da península Ibérica, muito pouco se sabe das antigas populações que habitavam esse território. Porém, no início da Romanização, “(...) habitavam a península, uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados” (*I-*

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

dem, p. 65). Assim, das línguas desses povos conservaram os idiomas hispânicos heranças fonéticas e morfológicas.

É importante salientar o que diz ILLARI: “A romanização da Península não se processou uniformemente. Havia a Tarroconense, correspondente à antiga Hispânia Citerior, a Bética e a Lusitânia, desmembradas da Hispânia Ulterior – foi a Bética a que mais cedo assimilou a civilização romana.” (1992, p. 115)

Ainda neste período a Ibéria foi invadida por um grupo heterogêneo de povos germânicos, como os vândalos, suevos e alanos. Destes, os visigodos foram os que mais se fundiram com a população Ibérica. “Três fatos concorreram para isso: a abolição da lei que proibia o casamento de godos com hispanos, ato de Leogevildo e a conversão, em 586, de Recaredo ao Cristianismo.” (Illari, 1992, p. 117)

Entretanto, movidos pela Guerra Santa – disputa religiosa entre muçulmanos e católicos – as tribos árabes conquistaram o norte e, em seguida, invadiram a península Ibérica. Este domínio cobria toda a anterior Espanha visigótica, refletindo um pouco sobre o que diz Cunha: “Com os Árabes floresceram na península as ciências e as artes: houve grande incremento da agricultura, indústria e do comércio; introduziram inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos.” (1986, p. 21)

Neste mesmo período de domínio dos Mouros, acentuaram-se as características distintivas dos romances peninsulares. “(...) na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho, constituiu-se uma unidade linguística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XIX – galego-português.” (*Idem*, p. 23)

Este mesmo momento foi marcado, também, pela expulsão dos Árabes com a tomada de Algarves e sua inclusão em Portugal, no ano de 1263, após um acordo com Castela.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim, os primórdios do galego-português coincidem com a criação do Reino de Portugal. Tanto um fato quanto outro decorrem das correrias e ações guerreiras promovidas pela Reconquista.

Para Rodolfo Ilari (1992, p. 140)

(...) levou tempo para que se tomasse consciência do português como uma nova língua e tiveram importância nesse ofício duas instituições, que agiram como centros irradiadores de cultura na Idade Média: os mosteiros, onde se levavam a cabo traduções de obras latinas, francesas e espanholas (Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça) e a Corte, para a qual convergiam os interesses nacionais. Escreviam ali fidalgos e trovadores, aprimorando a língua literária.

Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram o império de sua língua, levando-a para os vastos territórios por eles conquistados na África, na América e na Oceania. É a língua oficial de Portugal, do Brasil e das antigas colônias portuguesas, hoje nações soberanas: as repúblicas de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, Moçambique e de São Tomé e Príncipe.

Segundo Coutinho (cf. 1954, p. 51), transportado para terras tão distantes, em que o clima, a topografia, os costumes, as crenças, as instituições sociais, os hábitos linguísticos eram os mais diversos, o português não pôde manter aspecto rigidamente uniforme, mas fracionou-se numa porção de dialetos.

Com relação ao Brasil, a língua de Portugal e neste caso, o português popular, não padrão exerceu forte influência. Durante anos de colonização, o país ganhou uma base linguística estrutural portuguesa, porém, manteve algumas diferenças com relação à Algarves, devido a grande pluralidade étnica e linguística de povos como os indígenas, africanos e até de migrantes europeus, influenciando de certa forma, na estruturação fonética e morfológica, gerando o chamado português brasileiro.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Cabe ressaltar, o impacto da independência em 1822, na qual, influenciou de certa forma, ao sentido de pertença e de valorização da identidade nacional, despertando para uma independência linguística, ou seja, para o surgimento de um idioma verdadeiramente nacional, chamando-o de Brasileiro.

A INFLUÊNCIA DA SINTAXE LATINA NA CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Quando se trata de uma invasão étnica em um dado território, por motivos políticos e econômicos é cabível dizer que irá exercer certo domínio cultural, a ponto de os colonizados sofrerem certa *aculturação*, contraindo supostos costumes e tradições do país colonizador.

Nesse sentido, a língua é o principal mecanismo linguístico-cultural que sofre com o impacto de uma dada civilização como foi o latim que este estudo aborda, mais estruturado politicamente, que afirmou o seu idioma sobre as outras línguas e influenciando-as em novos hábitos fonéticos, morfológicos e até mesmo, sintáticos. Porém, a partir dessa análise, cabe descrever aqui, em especial, como se deu a influência linguístico-sintática latina na construção da sintaxe do nosso português.

No latim clássico, dividiam-se as palavras, segundo a terminação, em cinco grandes classes, chamadas declinações: 1ª *hora, ae*; 2ª *lupus, i*; 3ª *ovis, is*; 4ª *cantus, us*; 5ª *dies, ei*. Dessas declinações existiam os chamados casos latinos, que segundo Furlan (2006, p. 65)

Era uma categoria gramatical que, mediante um sistema de desinências que se acrescentam ao radical, exprime, com elevado grau de concisão e precisão, a função sintática que um nome (substantivo, adjetivo e numeral) ou pronome ou um sintagma nominal exercem na cadeia da frase, pelo que se dizem línguas sintéticas.

Dessa forma os casos latinos seriam segundo o autor acima:

O nominativo, (nominatum, denomina os seres); vocativo (vocatum, chama ou interpela o interlocutor), genitivo (genitum, gera o radical dos nomes), dativo (datum, refere a pessoa ou coisa à qual se dá ou destina algo), ablativo (ab-latum, que exprime os adjuntos adverbiais de origem, procedência e abstração) e acusativo (ad causare, acusa o efeito causado pelo verbo agente do processo) (*Idem*, p. 67)

Ou seja, eram cinco declinações compostas pelos casos latinos, nos quais se dividiam em singular e plural. Ainda, em cada declinação, existiam os gêneros, masculino com maior ênfase na segunda, terceira e quarta declinações; o feminino com origem na primeira declinação e também, as chamadas palavras neutras, *templum*, *i* pertencente a segunda declinação e *corpo*, *is* pertencente terceira declinação.

Estas cinco declinações reduziram-se a três no latim vulgar. Nesse sentido, já começa a haver certa mudança na estruturação sintática latina ou seja como era uma variante do latim clássico, falado pela população é cabível dizer que estas transformações se viram, também, no desuso de algumas declinações “(...) é que os nomes da quinta e da quarta, aliás pouco numerosos, passaram respectivamente aqueles à primeira, em sua maioria, e à terceira declinação; estes, à segunda, pela semelhança que havia entre as suas desinências causais.” (Coutinho, 1954, p. 232)

A necessidade de clareza, ou seja, a tendência analítica da língua, exigiu o emprego mais frequente da preposição. Onde bastava o caso para indicar a função, surgiu a partícula, facilitando a compreensão de sentido. Desse modo, “(...) em substituição do ablativo simples, emprega-se o ablativo preposicionado: ab sceleribus parce.” (*Idem*, p. 233)

Com o contato do latim vulgar com os dialetos românicos, os seis casos primitivos reduziram-se a dois, o nominativo

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

que servia de caso sujeito e o acusativo como objeto direto. Depois dessa redução, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com preposição.

Para Coutinho (1954, p. 237)

(...) em certas regiões, prevaleceu o nominativo, em outras o acusativo. O primeiro se manteve no romeno, no italiano, no provençal, francês antigo, rético e o segundo se conservou nas línguas românicas, na qual não se verificara a queda do S final, como no português e no espanhol, por exemplo: *vitas* – vida; *libros* - livros.

Partindo para a península Ibérica e como a ênfase aqui se dá à língua portuguesa e sua estruturação sintática, o que se pode afirmar, como já foi dito, é que o acusativo se difundiu em Portugal e foi a partir dele que procederam as palavras de nossa língua ou seja o caso lexicogênico das palavras portuguesas, (...) *acusativo singular: mensa-mesa / acusativo plural: mensas-mesas* (*Idem*, p. 237)

A partir dessa observação é mister fazer um diálogo com os pensamentos de Coutinho:

As palavras se dispunham na frase, em latim vulgar, segundo a ordem natural da elaboração do pensamento, ou seja, sujeito + verbo + objeto ou predicativo em contraposição ao uso da língua clássica, seguida pela Ibéria, acabando por fixar a função das palavras na frase. (*Ibidem*, p. 237)

Assim, diante dessa evolução histórico-sintática da língua latina, a sua variante, chamada “vulgar”, levou para os países Românicos a sua estrutura sintática. Nesse caso, a língua portuguesa manteve essa mesma estrutura e ao invés de uma língua sintética se transformou em analítica e de uma ordem inversa para direta.

Observa-se, também, a distribuição dos casos latinos em funções sintáticas como a transformação do nominativo em sujeito, do vocatum em vocativo, genitivo em complemento nominal, dativo em objeto indireto, ablativo em adjunto adverbial-

al e acusativo no objeto direto. Daí, pode-se depreender que há é uma herança sintática do latim vulgar na formação sintática do idioma de Portugal e deste levado e copiado para o português brasileiro.

NOVOS MÉTODOS DE ENSINO/APENDIZAGEM
DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICO-SINTÁTICAS
DA LÍNGUA LATINA
PARA A AQUISIÇÃO DA SINTAXE DO PORTUGUÊS

O ensino do latim começou a ser difundido através da igreja católica, detentora do poder educacional do século XVI-II e que preservou a transmissão da cultura clássica, difundido-a para os países cristãos do ocidente. A partir do renascimento, os humanistas reintroduziram no sistema educacional, os valores clássicos de conhecimento universal e o latim e o grego são ressituados como línguas de cultura.

Para Mauri (2005, p. 2)

(...) a universidade fundada nos finais da Idade Média reimplanta o sistema educacional clássico grego e o latim assume, então, ademais do papel de língua de cultura, o de língua acadêmica e científica, permanecendo, assim, até praticamente o século XVIII e início do XIX.

Ainda parafraseando o autor acima: “Nos últimos dois séculos, talvez mais acentuadamente a partir da revolução industrial, por pressão do capitalismo, a educação vai mudando de posição. A cultura geral, *stricto sensu*, cede espaço ao pragmatismo e utilitarismo”. (*Ibidem*, p. 3)

Partindo dessa observação destacada, o desenvolvimento econômico atrelado ao da tecnologia, determinou o caráter do mercado de trabalho e consequentemente, o da formação de trabalhadores, em oposição ao ideal de formação clássica que investia nas chamadas artes liberais como a gramática, retórica, dialética e aritmética.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

“Contraditório a estas artes, o ensino moderno opta pelas chamadas artes mecânicas, que em princípio, referiam-se apenas às atividades manuais, mas que hoje incluiriam todas as ciências relacionadas a elas” (*Ibidem*, p. 4). Neste sentido é importante questionar de que adianta ao homem ganhar dinheiro sem ter cultura? Ou seja, que adianta o valor da técnica sem a cultura, do trabalho sem o prazer da vida. Na verdade, o que caracteriza o ser humano é a capacidade de desenvolvimento do intelecto e do espírito.

Assim,

O espaço das humanidades dentro da Universidade deve ser defendido. A dignidade do ser humano deve ser defendida. Não se questionando que a universidade deve adequar o sistema educacional à necessidade de mão-de-obra para o desenvolvimento industrial e social, mas sem perder o lado humano, cultural. (Mauri, 2005, p. 4)

A partir da análise do autor, o que se pode deprender é que a defesa da sobrevivência do ensino de latim é em última instância, a defesa da aquisição de cultura de nossa história. Porém, o que se observa hoje é certa desvalorização do ensino do latim por parte de seus discentes na academia e de certa desatualização de seus profissionais.

E de onde vem esse desinteresse por parte dos graduandos e essa desatualização dos docentes? É o que este estudo vem analisar e fomentar novos métodos para uma possível ajuda, no que tange ao ensino/aprendizagem das estruturas linguístico-sintáticas do latim, para o aprendizado da sintaxe do português, pelos estudantes da instituição em foco.

Quando se trata de desinteresse é importante destacar que essa atitude vem de certo histórico estrutural defasado do próprio ensino da língua portuguesa, no qual os graduandos em letras chegam com uma grande dificuldade em não entender o estudo dos casos latinos, devido à péssima aprendizagem da sintaxe da língua portuguesa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

E esta má qualidade do ensino básico do português, advém de algumas leis propostas por alguns colaboracionistas que não sabem realmente a importância da cultura linguística do latim. Neste sentido, a atual Lei de Diretrizes e Bases (LDB) destaca:

(...) que os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais de sociedade da cultura, da economia, e da clientela. Assim, considera-se que o retorno do latim na escola não é prova de que haverá melhorias substanciais no uso do idioma pátrio, por parte dos brasileiros. (CECD, nº 3963, 2000)

Esta nova adoção quebrou totalmente as diretrizes do MEC para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa, que pelo decreto nº 91.372, de 26/06/1985, ainda, sob o mandato do presidente da república José Sarney que estabelecia:

Que na disciplina de língua portuguesa, deve haver aulas dedicadas ao estudo das estruturas do latim, com vistas à compreensão mais lúcida da própria língua portuguesa, em sua história interna e seus recursos mórficos e semânticos. Na hipótese de se desdobrar o 2º grau em científico e clássico, neste deve ser reintroduzido o latim.

Um outro ponto a ser visto é a própria carga horária do curso de latim que é muito pequena, adotando-se, apenas, duas aulas por semana e certa inadequação do currículo, oferecendo o curso de latim em apenas dois semestres. Essa falta de estruturação promove, de certa forma, no problema que foi abordado ainda a pouco, como também, obriga à aprender o latim em pouco tempo, multiplicando, assim, as deficiências ortográficas, morfossintáticas e léxico-semântico dos futuros profissionais de letras.

Essa situação diverge de algumas universidades aqui mesmo na Bahia, onde tem um curso de latim com até quatro semestres e ainda disciplinas extras como literatura latina –

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

sabendo que esta disciplina só é oferecida no curso de português – como é o caso da UESB, UNEB e UEFS. Já na UFBA, tem-se o curso de Letras Clássicas com ênfase em latim e grego, sendo os dois cursos em cinco anos.

É importante salientar, também,

O amplo espaço reservado ao estudo das letras latinas pelas universidades, ainda, aqui no Brasil na região sudeste: UNICAMP, USP, UFRJ, PUC ou até mesmo países de cultura latina da Europa, Portugal, Espanha, França, Itália e Romênia e dos próprios países anglo-saxônicos, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá. (MEC, 1985, p.32)

Esta falta de desinteresse, também é fruto da própria metodologia utilizada pelos professores, adotando o método gramaticalista, aplicando-a a textos ora completamente dissociados da realidade dos estudantes, ora em nível de complexidade acima da capacidade de compreensão desse público alvo. O próprio ensino da sintaxe não parte de uma revisão inicial do sistema sintático do português, para em seguida trabalhar com as declinações e os casos latinos.

Há, ainda, o próprio divórcio entre a língua latina e os demais idiomas ensinados no curso de Letras como Inglês, Francês e Espanhol, transferindo para os estudantes de Letras em uma forma, também, de desinteresse para assimilá-lo da relação linguística latina com estes idiomas, não sabendo que esta ligação fornece um excelente aporte, para a formação dos graduandos.

Diante desses vários problemas históricos estruturais abordados, cabe neste trabalho propor um novo olhar para o estudo do latim, possibilitando métodos que realizem a ligação das estruturas linguísticas latinas, para o desenvolver sintático do português brasileiro, assim, como em ampliar o conhecimento linguístico-cultural do graduando.

Para que esta nova proposta de ensino alcance seus objetivos é cabível que haja uma nova reformulação na sua estru-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

turação curricular, aumentando para mais semestres o estudo do latim, como, também, o aumento da sua carga horária.

Partindo para os métodos propostos é importante destacar que antes de entrar no lado estrutural do ensino do latim, verifica-se que todo docente da língua latina, deve mostrar aos graduandos de letras:

(...) a linguagem como um sistema de signos ou seja, o signo já era usado pelos gregos e latinos e não adveio de Saussure; a língua como um sistema de signos verbais articulados entre si (sons, formas e frases) integrando o aparelho ideológico, comunicativo e estético da sociedade; mostrar a evolução da mesma no tempo, diacrônicas (latim arcaico, clássico); no espaço, diatópicas (latim itálico, hispânico); no estrato sociocultural, diastráticas (latim popular ou vulgar); mostrar que desde a antiguidade já existiam estudos sobre a linguística; o surgimento da gramática pelos Alexandrinos e a teoria e a crítica literária nascentes da antiguidade clássica. (Furlan, 2006, p. 27)

O que fica entendido é que o estudo do latim não começa isoladamente partindo de sua gramática para a assimilação morfológica e ao mesmo tempo sintática, mas de uma forma contextualizada, mostrando aos aprendizes que tanto a linguagem, a língua e a própria literatura ocidental tiveram certa influência do latim e de certa forma do Grego.

Com relação aos textos, o que se vale agora são obras referentes a um vocabulário representado pelo cotidiano contemporâneo e não de uma Roma imperial, escapando da instrumentalização para leitura dos clássicos. Desta forma o trabalho com o texto e até mesmo de frases latinas não irão ser mais vistas como maçantes, ajudando para uma melhor compreensão da sintaxe do latim e sua aquisição para a estruturação sintática do português brasileiro.

E com relação ao estudo da sintaxe, deve-se partir de uma revisão inicial do sistema sintático do português, para em seguida, trabalhar com as declinações e os casos latinos, mostrando a estruturação da sintaxe latina nas frases ou em textos

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

e como a mesma, influenciou para o surgimento e aprimoramento da estruturação sintática do português brasileiro. Dessa forma, ao fazerem as atividades com frases ou analisando textos, os discentes sentirão mais facilidade na compreensão do latim para o português e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar sobre o estudo do latim é vivenciar a história de um povo que influenciou no surgimento das novas línguas, as chamadas neolatinas, tidas hoje como modernas. Assim, podemos seguir um caminho que reúne conhecimentos étnicos, culturais e linguísticos, mostrando como um país em seu auge imperialista, levou estes aparatos, e influenciaram na formação dos idiomas modernos.

A partir do contato com os idiomas dos colonizados e devido a sua superioridade política, interligou-se linguisticamente aos outros idiomas e assim, as línguas modernas mantiveram certa estrutura – morfossintático, léxico-semântico e fonético – idêntica ao latim, surgindo, a partir daí, línguas como o galego-português, o espanhol, provençal, romeno, francês e o italiano.

Porém, este trabalho mostrou, especificamente, a importância do estudo linguístico-sintático do latim, como uma forma de ensino/aprendizagem para os discentes de letras da U-ESC, em aprender a sintaxe do português brasileiro. Para isso, utilizaram-se novos métodos de ensino e propostas que venham a auxiliar, a estrutura curricular do curso de latim, sabendo que estas inovações podem ajudar contra o desinteresse dos graduandos de letras para aprender a língua latina.

Em suma, ensinar o latim é propiciar aos graduandos, o conhecimento da história, da sociedade, da cultura e da literatura, percebendo o legado que nos deixaram e nos reconhecermos naquilo que somos. Linguisticamente, veríamos como

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a língua latina, muitas vezes, serve de suporte para o aprendizado sistematizado, tanto do português, a nível de estruturação sintática, como, também, o enriquecimento do seu acervo vocabular e o saber etimológico das palavras portuguesas.

Dessa forma, estes conhecimentos irão propiciar o seu desenvolver acadêmico/científico e um novo despertar, até mesmo, para a práxis pedagógica do ensino de português, fomentando aos seus discentes que a língua portuguesa, suas palavras e a sua estruturação sintática, não veio do nada, mas sim, de uma língua que a influenciou e foi o latim.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

MARTINS, Carla. *Estudar latim, Para quê?* Rio de Janeiro: Escola Secundária Francisco de Holanda, 2000.

Comissão de Educação, Cultura e Desporto. LDB / nº 9.394/96. Parecer. Brasília, Dezembro de 1996.

Fouillé. *Cada lição de latim é uma lição de lógica*. São Paulo: Academia das Letras, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.

PITA, Luiz Fernando Dias. *Latim e esperanto, via Internet*. Rio de Janeiro: Unigranrio/UCB, 2002.

FURLAN, Mauri. *Quem traduzirá a literatura latina no Brasil*. Santa Catarina: II Simpósio do grupo de Pesquisa Literatura Traduzida, 2005.

FURLAN, Oswaldo Antonio. *Língua e literatura Latina e sua Derivação Portuguesa* Petrópolis: Vozes, 2006.

LLARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.